



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil  
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas  
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

## AUTOCONSCIÊNCIA E A GENEALOGIA DO “OUTRO” EM SENSE8: UM DIALOGISMO COM BAKHTIN

Fernando Ribas Camargo<sup>1</sup>

Dr. Jacob dos Santos Biziak<sup>2</sup>

**Resumo:** O objetivo desta pesquisa é compreender a figura do *eu* e do *outro* e a relação entre elas na série Sense8, com base em um recorte da teoria bakhtiniana da alteridade, por intermédio dos textos de Mônica Zoppi-Fontana e Beth Brait, e compreender as causas do surgimento do outro no mundo de acordo com a série. Assim, o presente trabalho é uma proposta de atualização dos possíveis objetos de estudo da teoria de Bakhtin, uma vez que a Netflix, com suas inovações e praticidades no cinema mundial, assim como os feitos do homem contemporâneo, tem revolucionado a visão sobre o que é sujeito, abrindo espaço para uma série de análises, e tornado necessárias algumas reformulações das teorias clássicas.

**Palavras-chave:** Autoconsciência; Bakhtin; cinema.

**Resumé:** L’objectif de cette recherche c’est l’entente de la figure du « moi » et de « l’autre » et la relation entre eux dans la série Sense8, basée dans un extrait de la théorie de l’altérité de Bakhtin, à travers des textes de Mônica Zoppi-Fontana et Beth Brait, et comprendre la cause de l’émérgence de l’autre dans le monde selon la série. Ainsi, le présent étude c’est une proposition d’actualiser les possibles objets d’étude de la théorie bakhtinienne, depuis que la Netflix, avec ces innovations e pratiques dans le cinema universel, aussi bien que les exploits de l’homme contemporaine, a revolutionné la vision sur qu’est que c’est le sujet, en permettant ainsi une série d’analyses et en rendant nécessaire quelques reformulations des théories classiques.

**Mots-clés:** conscience de soi; Bakhtin; cinéma.

---

<sup>1</sup> Graduando em Letras – Português/Inglês pelo IFPR, campus Palmas, e membro do Grupo de Estudos do Discurso (G.E.Di), na mesma instituição; [fer-camargo2011@hotmail.com](mailto:fer-camargo2011@hotmail.com).

<sup>2</sup> Professor Doutor do Colegiado e do Curso de Letras – IFPR, campus Palmas – pós doutorando pela USP de Ribeirão Preto (sob supervisão da Professora Livre Docente Lucília Abrahão e Souza); Pesquisador membro do E-L@DIS: Laboratório Discursivo (FFCLRP/USP), em que coordena o grupo de estudos “Gêneros sexuais e discurso”; coordenador e pesquisador do G.E.Di (Grupo de Estudos do Discurso, do IFPR, campus Palmas); [jacob.biziak@ifpr.edu.br](mailto:jacob.biziak@ifpr.edu.br).



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso - ALED - Brasil  
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas  
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

## Introdução

Já presente na literatura, como no Mito da Alma Gêmea (Aristófanês), Adão, Eva e a serpente (presente na Bíblia cristã) ou em algo mais próximo de nossa época, como O Sonho de um Homem Ridículo (Dostoiévski), as tentativas de explicar o ser humano<sup>3</sup> atual com base em um entendimento sobre o comportamento do ser do passado e de fatos que contribuíram para a sua transformação (“decadência”<sup>4</sup>) também são apresentadas no cinema, na série Sense8, obra pertencente aos mesmos criadores do filme Matrix.

Para aplicar a teoria da autoconsciência de Bakhtin sobre os sujeitos em Sense8, após a pesquisa bibliográfica, serão analisadas as situações físicas e mentais das personagens ao longo da série, entendendo que, nela, os enunciados não são unicamente verbais, encontramos também nos sentidos do corpo, nos lugares escolhidos para as filmagens (até mesmo na posição da câmera, uma vez que filmar é produzir enunciados pictóricos) e nos demais enunciados não-verbais, como os gestos, as melodias reproduzidas em determinados momentos de tensão, etc.

Bakhtin foi o teórico escolhido porque permite um nível mais objetivo de compreensão, sua teoria valoriza tanto o contexto quanto o momento em que se produz cada enunciado, ou seja, a enunciação. Essa questão tem grande importância para o estudo que se pretende, dado que a alteridade constitui caráter dialógico: a interação do sujeito com seu *outro*<sup>5</sup> está sempre acompanhada de um contexto, mediante a determinadas condições de produção que orientam a prática discursiva e, por conseguinte, essa relação com o outro. Além disso, ele enfatizou algo que, até então, era pouco prestigiado no âmbito acadêmico: as relações discursivas que acontecem no cotidiano: o prosaico. Por acontecerem no dia a dia, a interação entre os sujeitos é mais intensa, mais viva. Por isso, deixa em segundo plano o termo “texto”, pois este evoca um caráter estritamente linguístico (refere-se a estrutura): ao falar em texto, pelo que se entende em Bakhtin, costuma-se pensar unicamente nas estruturas gramaticais, e não na prática discursiva, no texto como materialização (e renovação) de um

<sup>3</sup> Por se tratar de uma abordagem discursiva, utilizar-se-á, doravante, o termo “sujeito”, dado que este leva em conta as relações do ser com a linguagem e os discursos, e “ser humano” é um conceito que se refere unicamente a sua constituição física, é um termo da biologia.

<sup>4</sup> Todas as obras mencionadas anteriormente tratam da genealogia dos vários tipos de sofrimento humano.

<sup>5</sup> O termo “Outro”, com a primeira letra maiúscula, é bastante utilizado ao se trabalhar com o ponto de vista psicanalítico. Por essa razão, não será utilizado aqui. O “outro”, neste artigo, refere-se ao outro da Análise do Discurso, e por isso é escrito em letra minúscula.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso - ALED - Brasil  
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas  
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

discurso, orientando o sentido, na sua tentativa de comunicar (responder) e transformar o outro. Sense8 também parece se preocupar em trazer várias situações corriqueiras em que ocorre a alteridade, a fim de que seu público possa se identificar com elas, e, assim, continuar assistindo.

### **Autoconsciência: um outro intrínseco**

Na série, as condições de produção dos discursos, ainda que haja diferenças culturais e geográficas (por estarem separadas pela distância), parecem ter uma certa confluência, algo em comum que permite que um enunciado seja usado em dois contextos diferentes a fim de dar conta das necessidades enunciativas de cada situação. Essa transposição transforma o sentido do enunciado no novo contexto, embora conserve em si algumas marcas do original, condição que Bakhtin denominou *tema*. Por exemplo, duas personagens lutam ao mesmo tempo: Capheus, na África, para sobreviver aos ataques de uma gangue que lhe roubara alguns remédios, úteis para o tratamento de sua mãe, portadora de HIV; e Sun, na Coréia do Sul, por estar participando de um evento de artes marciais. São contextos diferentes, entretanto, são unidos pela mesma causa: a luta. Tão unidos, que Sun é capaz de trocar de lugar com Capheus a fim de ajudá-lo.

É perceptível, portanto, que os sujeitos estão interligados em uma relação de sentido, que se caracteriza como campo comum entre os “*sensates*” (forma como essas personagens são chamadas). Aqui, não apenas referindo-se aos sentidos de seus enunciados, mas também aos sentidos do corpo humano – além dos cinco mais conhecidos, o senso de equilíbrio, a nocicepção, que é a capacidade de o indivíduo sentir dor, entre outros –, elementos que, na série, não deixam de ser enunciados, pois há uma intenção em colocá-los em contato a fim de significar alguma coisa. Essa ligação entre os indivíduos traz uma compreensão do *eu* na condição ou lugar do outro, ou seja, no corpo exterior, bem como o contrário: do outro no interior do *eu*. Portanto, é nessa relação social, desenvolvendo um nível de empatia muito grande, que os sujeitos se constroem.

Ao referir-se à teoria bakhtiniana da autoconsciência, Mônica Zoppi-Fontana relata que “a autoconsciência do meu ser no mundo só se dá através da compreensão ativa e valorativa do outro que me enxerga enquanto corpo exterior que se destaca do seu entorno”



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil  
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas  
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

(ZOPPI-FONTANA, 2005, p.111). Na série, a percepção de si e do outro está ligada a uma ideia de *dialética heraclitana*, em que os indivíduos, por meio dos sentidos do corpo, adquirem conhecimento sobre o que sentem à medida que sentem também aquilo que pertence à realidade do outro. De acordo com Collyer:

O pensamento filosófico de Heráclito declara que os opostos se complementam. O quente e o frio, o bem e o mal, a vida e a morte, a juventude e a velhice, a alegria e a tristeza são todas situações e emoções que se completam, na medida em que um não pode existir sem o outro, pelo simples fato de que não podemos ter a noção de felicidade sem experimentar a tristeza ou não conseguirmos definir se algo está gelado sem antes ter a percepção do que seja algo quente (COLLYER, 2015).

Assim, para exemplificar, enquanto prova um sapato, Wolfgang, uma personagem em boas condições financeiras e na Alemanha, um país desenvolvido, passa a sentir, em seu pé, até então limpo, a terra da estrada de uma cidade pobre, na África, pela qual Capheus, sujeito em condições precárias, caminha<sup>6</sup>. Ao sentir em si a sujeira, algo que pertence ao outro, surge o desconforto (entendido como a presença do *não-eu* em mim), e só assim atribui valor ao que pertence a si no momento, ou seja, a sensação de limpeza. É uma atribuição de valor, então, pela falta.

Apesar de feita a distinção, anteriormente, entre as figuras do eu e do outro, há uma linha tênue entre elas. Em alguns momentos, principalmente nas situações de conflito, é tão notória a relação estabelecida entre as personagens, que permite chegar ao ponto de se lançar mão à afirmação do eu no outro como *eu-em-mim*, porém em um segundo corpo. Para exemplificar, tem-se o momento em que Nomi, personagem prestes a entrar em uma sala de cirurgia, está amarrada a uma cama e precisa se livrar das algemas. Eis que surge, então, em seu corpo, a personagem policial Will, que, com suas habilidades de abrir algemas, consegue escapar. Na medida em que, durante a troca de corpos, Will, dormente (pois está no corpo de uma paciente sedada) percebe a situação em que está e, a partir disso, usa sua memória e conhecimento em abertura de algemas para livrar-se da realidade em que Nomi vive, pode-se afirmar, então, que os dois tornam-se apenas um, dado que usam a mesma *competência discursiva* – conceito bastante difundido por D. Maingueneau (2008) e que diz respeito à

---

<sup>6</sup> Por isso, Sense8 também enfatiza as diferenças político-sociais entre os diversos contextos explorados.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil  
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas  
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

capacidade do sujeito de renovar os discursos, produto das articulações interdiscursivas, isto é, entre os discursos, construídas ao longo de sua história.

Para realizarem as conexões, é preciso, na maioria das vezes, que as personagens estejam realizando ações semelhantes, seja em termos de pensamento ou ações, ainda que suas cargas de conhecimento, vivência ou situação sociocultural não coincidam, como explanado anteriormente. Relacionando à Análise do Discurso, a autoconsciência está presente no texto, que é a fase de maior contato entre o enunciador e o enunciatário, bem como entre os interlocutores<sup>7</sup>. Segundo Bakhtin (1981, p.113), “a palavra é o território comum do locutor e do interlocutor” (nesta análise, entende-se não só a palavra, mas tudo aquilo que é usado com o intuito de enunciar). No entanto, a própria condição de texto já remete à união da figura do eu e do outro feita pelo autor, ao criá-lo, como explica Ingedore:

Ao produzir um discurso, o homem se apropria da língua, não só com o fim de veicular mensagens, mas, principalmente com o objetivo de atuar, interagir socialmente, instituindo-se como Eu e constituindo, ao mesmo tempo, como interlocutor, o outro, que é por sua vez constitutivo do próprio Eu, por meio do jogo de representações e de imagens recíprocas que entre eles se estabelecem (KOCH, 2000, p.21).

Em outras palavras ao enunciar, o sujeito pressupõe a figura do outro, que não é senão ele mesmo. Dessa forma, tal como se passa com os indivíduos da série, é necessário que algo seja experienciado por ambas as partes para a produção de sentido; é preciso não apenas que alguém crie um texto, mas também que outro alguém, em um determinado momento, reconheça-se como receptor (ou enunciatário), conectando-se com o enunciador por meio dele.

Há, também, que se pensar no quanto as coerções mostram os contrastes entre esses sujeitos quando unidos. Tem-se, aqui, dois tipos: a coerção social e a coerção semântica.

Com a coerção social, a título de exemplo, temos o tenso momento em que Will e Riley, dentro de um carro, tentam escapar desesperadamente de um helicóptero dentro do qual se encontra seu maior pesadelo: Sussurros, o grande vilão da série. Quando o helicóptero

---

<sup>7</sup> Essa diferenciação foi feita porque se trata de duas instâncias diferentes: a do enunciador e enunciatário – este último é aquele a quem o enunciador enuncia – diz respeito aos agentes sociais, históricos e ideológicos que usam o texto como forma de entrar em contato com os discursos e atualizá-los (no caso de quem enuncia); já os interlocutores são, basicamente, as personagens do texto (da série), que também enunciam entre elas.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil  
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas  
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

desce até a estrada, desafiando a passagem do carro, Sussurros comenta a Will que ele não conseguirá ir de encontro ao outro veículo. Ele concorda, mas diz que conhece alguém que consegue. Surge então, em seu corpo, Wolfgang. A vida no crime e nas ruas lhe deu coragem e valentia suficientes para agir naquela determinada situação, desafios que a Will não foram ainda impostos, pois este fora treinado para salvar vidas, ao contrário do que estava prestes a fazer.

Já a coerção semântica define essas diferenças ao nível da significação. Aplicando isso no famoso episódio do karaokê, momento em que todas as personagens cantam, ao mesmo tempo, a música “What’s up?”, de 4 Non Blondes, é evidente o jogo de sentidos que se constrói por cada um dos sujeitos. A começar por Wolfgang, que, mesmo antes de iniciar a cantoria, ao subir ao palco, lembra-se de quando era criança e fora humilhado pelas gargalhadas de seu pai, ao vê-lo com receio de se apresentar em público. Apesar de ser mera lembrança, Wolfgang responde a esse enunciado diante de todo mundo, gritando “*fuck you*”, e todo mundo lê sua mensagem com um tom alegre, devido à ocasião (e por não terem em mente as memórias dele). Novamente, a questão do tema e a significação estudados por Bakhtin têm papel importante aqui, pois, nesse caso, seria necessário entrar na consciência do enunciadador para entender a pretensão de suas palavras, o que elas queriam transformar. A letra da música parece ter uma profunda e singular relação com o estado de cada uma das personagens. “What’s going on” se torna um refrão não apenas da música, mas da vida dos sensates, ainda confusos pelas transformações promovidas pela súbita interação entre eles. A música ouvida é a mesma, mas a leitura feita por cada um se torna diferente, porque é posta em diálogo com discursos diferentes: além da maneira singular como eles interagem com essa nova vida, ainda precisam enfrentar diferentes problemas, como uma lobotomia (no caso da Nomi), a paixão (entre Kala e Wolfgang – que, inclusive cantam a música escolhendo um ao outro como receptores) e a melancolia (enfrentada por Riley). As coerções semânticas, portanto, mostram como cada receptor lida com o enunciado (a música). Leitura singular, única, mas, ao mesmo tempo, compartilhada, em se tratando da repentina ligação entre os sujeitos.

Esses tipos de coerção, no entanto, não se separam, pois é por meio de uma que a outra se revela: a leitura de mundo (coerção semântica) aponta a forma como as coerções sociais



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso - ALED - Brasil  
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas  
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

construíram o sujeito; e as coerções sociais limitam o sujeito a determinadas leituras de mundo em lugar de outras.

### **Genealogia do outro**

A alteridade não é um conceito tão simples. Em sua complexidade, identificar os sujeitos não parece ser uma tarefa a ser feita em um único artigo. O que se pretende, aqui, é fazer apenas um pequeno recorte da teoria bakhtiniana, para apontar um caminho em direção a esse *outro*. Por enquanto, conceitos como *polifonia* e *dialogismo* não serão abordados, pois isso exige estudos mais aprofundados, sobretudo da obra “Problemas da Poética de Dostoiévski”.

No âmbito da Análise do Discurso, assim como na Antropologia, poder-se-ia dizer que somos seres culturais e históricos, ainda que de perspectivas epistemológicas diferentes. Assim, afirma-se que o outro surge no momento em que as relações se tornam complexas, e cada um, dadas as condições de vivência (os discursos) diferentes, precisa decidir qual ação praticar, qual caminho seguir, enfim, qual o posicionamento discursivo mais adequado a se assumir. Em outras palavras, cada sujeito passa a viver e se relacionar com os discursos de maneira singular, uma vez que a História articula a existência de cada um de maneira distinta. Nisso, há um desentendimento, uma incompreensão entre os corpos, visto que cada um foi sujeito a uma coerção histórico-social diferente.

A título de exemplo, uma das cenas de um episódio se sucede da seguinte maneira: Wolfgang e Kala estão parados, dentro do carro, diante da mansão de um criminoso, o qual Wolfgang planeja matar. Questionado sobre a necessidade de cometer tal crime, Wolfgang responde a Kala: “Há coisas que nunca conseguirei entender sobre seu mundo, assim como há coisas que você nunca entenderá sobre o meu”. Assim, Kala, com experiências diferentes das de Wolfgang, é impedida de entender a luta deste, ao ponto, inclusive, de não se reconhecer na figura do outro: o *não-eu*. São duas práticas culturais diferentes, elas pregam valores contrários: a de Kala olha a vida alheia como algo a ser preservado, a ser preenchida com todas as possibilidades de amor; já Wolfgang não enxerga os acontecimentos assim. O outro é alguém que lhe causou dor e sofrimento, que, enquanto vivo, será capaz de tudo para lhe privar do direito de viver. Por isso, o outro não deve existir.



## O deslocamento dos sujeitos

A série da Netflix abordada até agora, apesar de retratar, em um primeiro momento, indivíduos distantes em íntimo grau de interação (inclusive físico, como já mencionado), algo difícil de se realizar na atual situação em que se encontra a tecnologia de que a sociedade disponibiliza, não parece ser, aos olhos da AD, uma utopia, pois pode-se tomar essa interação como metáfora para o que já acontece discursivamente. Em um meio cada vez mais dialógico, é esperado que sujeitos não mais precisem estar próximos um do outro para estabelecerem níveis profundos de dialogismo. Constrói-se alteridade, a propósito, antes mesmo de se estar cara a cara com o outro, antes de conhecê-lo, porque seus enunciados vêm sempre à frente, misturados aos enunciados dos outros, até chegarem a nós e nós repassarmos, em um jogo inacabável de sentidos.

A autoconsciência também não escapa desse interdiscurso. Vivemos nos espelhando naquilo que sequer conhecemos realmente, que pressupomos, naquilo que parece estar tão perto de nós, mas que, na realidade, está perdido atrás das fronteiras do que se pode chamar de nós mesmos. É o que achamos ser o eu-no-outro, e por isso nos identificamos, mas que é outro-para-mim, apenas um outro que imagino poder ser eu, também, e que me faz correr sem cessar atrás dessa nova identificação, pois sempre haverá esse outro em nossas vidas. O fato de os sujeitos poderem se identificar com outras formas de representação do eu, com outras identidades, sempre decorrendo da interação com seu outro, que lhe apresenta constantemente diversas possibilidades de se autoconstruir, pode ser reforçado por aquilo que Stuart Hall denomina *deslocamento* ou *descentração do sujeito*, ou seja, é “esta perda de um “sentido de si” estável” (HALL, 2005, p.9). Para Hall:

“Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identidades estão sendo constantemente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte, é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu”” (ibidem, p.13).

Essas “vozes” identitárias mencionadas pelo autor são, com efeito, vozes discursivas. Elas são marcadas pelo que cada uma pode fazer acontecer, convocando o sujeito a assumir



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso - ALED - Brasil  
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas  
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

determinadas posições que ele não assumiria se fosse “dominado” por outras vozes, e é isso que determina a sua identidade. No entanto, vale lembrar que a palavra *identidade* traz a ideia de coisa acabada, algo que a consciência do indivíduo não é. Por isso, cabe aqui o termo *identificação*, que é mais flexível às mudanças do sujeito provocadas pelas diferentes situações discursivas a que ele se submete.

### Considerações finais

Um diálogo entre Nomi, Amanita (sua namorada) e uma professora (sua sogra) é bastante pertinente ao encerramento que se pretende para este artigo. Nele, as personagens parecem discutir o futuro da identidade dos *sensates*, ou seja, será que a ideia do eu-para-mim vai desaparecer? Eis o diálogo:

Nomi: E a pergunta é: “por que essas pessoas? Por que essas mentes? Por que não uma mente que parece mais sincronizada com a minha?”

Professora: talvez seja a questão.

Nomi: Como assim?

Professora: Dou uma aula sobre Evolução todo semestre, e falamos sobre a máquina da evolução, que é a variedade. Para que você seja mais do que aquilo que a evolução chama de “si mesma”, você precisa de algo diferente de você mesma.

[...]

Nomi: é de enlouquecer como todas essas emoções surgem do nada.

Professora: parece a menopausa.

Amanita: emoções são conectadas ao sistema nervoso, que é afetado pelo que acontece no seu cérebro.

Nomi: sim, porque o que eu quero saber é se há alguma maneira de evitar que aconteça, ou, pelo menos, controlar. Como o DDA, em que posso tomar um remédio e limitar o efeito em mim. Ou será como Alzheimer, e minha ideia de quem sou inevitavelmente se desintegrará lentamente?” (SENSE8, 2015, ep.06).

A figura que representa a sogra de Nomi parece reforçar a intenção da série. Uma personagem construída pelo discurso científico, bastante prestigiado em nossa época, e que, porém, não lê a situação de sua nora como doença mental, mas pelo viés da teoria da Evolução, que propõe o desenvolvimento humano como construção reativa ao meio em que vive e, o que nos deixa interpretar, a partir da relação com o outro.

Nomi nos faz refletir se aquela pergunta clássica feita no início de aulas de Filosofia, “quem sou eu”, realmente precisa ser respondida. Bakhtin, ao falar da autoconsciência, ao longo de suas obras, nos deixou claro que há uma arena de vozes alheias em cada consciência,



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso - ALED - Brasil  
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas  
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

vozes que não calam, vozes que orientam, que se desestabilizam conforme o outro nos é apresentado. Enfim, o eu é sempre uma instância dialógica que forma e é formado pelo outro. Por isso, é possível supor que Bakhtin respondesse a indagação filosófica afirmando: “*eu sou os outros*”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo, SP: Hucitec, 1981.

BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.

COLLYER, Renato. **A única coisa que não muda é que tudo muda**: a ideia do devir na filosofia de Heráclito. 2015. Disponível em: <[http://obviousmag.org/renato\\_collyer/2015/06/a-unica-coisa-que-nao-muda-e-que-tudo-muda-a-ideia-do-devir-na-filosofia-de-heraclito.html](http://obviousmag.org/renato_collyer/2015/06/a-unica-coisa-que-nao-muda-e-que-tudo-muda-a-ideia-do-devir-na-filosofia-de-heraclito.html)>. Acesso em: 08 maio 2016.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. 10 ed. Rio de Janeiro: DP & A. 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Trad. S. Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SENSE8 (Season 1) (Original). Direção de Lilly e Lana Wachowski; Tom Tykwer; James Mctigue; Dan Glass. Produção de Joseph Michael Straczynski; Lana Wachowski; Lilly Wachowski. Estados Unidos: Netflix, 2015.